

O facto real em que se baseia a lenda vem relatado no processo da Inquisição, e pode ver-se no primeiro volume das *Sentenças manuscritas da Inquisição*, que faz parte da «Colecção Moreira», existente na Biblioteca Nacional de Lisboa ⁽¹⁾.

Leite Bastos transcreveu a sentença no seu romance *O crime do corregedor*, in *O Ocidente*, vol. IX.

*

No mesmo sentido da locução de que se trata fala D. Francisco Manuel de Melo das *obras da Sé*, pondo na bôca de Quevedo, no *Hospital de letras*, estas palavras referentes a Lope de Vega: «As obras desse Poeta são como as obras da Sé, que nunca se acabão» ⁽²⁾.

Os Franceses, aludindo à lentidão com que correram as obras da igreja de Notre-Dame, de Paris, diziam, antigamente: *C'est l'oeuvre de Notre-Dame, qui ne finit jamais*.

Obra del Escorial, dizem os Hespanhóis, com o mesmo sentido da nossa locução.

LXXXVI

S. Jorge, que em cavalo branco andou, || alguma coisa lhe achou

Na lenda semi-histórica — diz Teófilo Braga⁽³⁾ — S. Jorge aparece nas batalhas montado num cavalo branco.

S. Jorge e um cavalo branco são ideias associadas inseparáveis, e era montado num cavalo daquela côr que a imagem do Santo se encorporava, com o seu estado maior, na procissão de *Corpus-Christi* ⁽⁴⁾.

rada uma lenda alemã, segundo a qual as obras da catedral de Colónia ficaram incompletas por maldição do diabo.

⁽¹⁾ V. Consiglieri Pedroso, prólogo aos seus *Contos populares portugueses*.

⁽²⁾ *Apólogos dialogais*, 1721, p. 335.

⁽³⁾ *Povo Português*, II, 165.

⁽⁴⁾ Instituiu o sumo pontífice Urbano IV, em 1264, universalmente, a procissão do *Corpus-Christi*, e o Mestre de Aviz

A referência do adágio a «cavalo branco» envolve uma ideia de aprêço em que se teem os cavalos dessa côr, que eram muito estimados pelos antigos, entre os quais — segundo Fustel de Conlanges ⁽¹⁾ — o branco era a côr sagrada, a que agradava aos deuses.

É assim que vemos montando cavalos brancos os deuses da mitologia, os anjos, os santos, os reis e, em suma, várias sumidades hierárquicas de outros tempos.

Os Maometanos — que admitem o anjo Gabriel como mensageiro do Profeta — figuram-no montado num cavalo branco.

Os carros dos Césares eram tirados por parelhas brancas. Napoleão cobre-se de glória em Marengo e Austerlitz, no seu lendário cavalo branco ⁽²⁾.

Os cavalos brancos figuram às vezes como símbolo da virtude, da pureza, da candura. Assim, conta Fernão Lopes — na *Crónica de D. Joã I*, p. II, cap. 96 — ao descrever a cerimónia do casamento daquele monarca com D. Filipa de Lencastre: «Elrey saiu d'aquelles paços em sima de hu cavallo branco, em pannos de ouro realmente vestido, e a rainha em outro tal muy nobremente guarnida» ⁽³⁾.

Como sobrevivência de tal simbolismo ainda hoje, entre nós, é tirada por cavalos brancos, nos cortejos nupciais de luxo, a carruagem destinada aos noivos.

A ideia do «cavalo branco» anda também ligada a aparições sobrenaturais.

Por exemplo: a) O rei D. Sebastião há-de vir da Ilha

determinou, ao ligar-se com a Casa da Inglaterra, que nessa procissão se incorporasse a imagem de S. Jorge, nome que dera ao Castelo de Lisboa, ao restaurá-lo. Data essa deliberação de 1387, em que o rei casou, ordenando também que, daí em diante, o grito de guerra fôsse «Portugal e S. Jorge», para substituir o de «Portugal e S. Tiago», com que, anos antes, os Hespanhóis haviam sido derrotados em Aljubarrota e Atoleiros.

⁽¹⁾ *A cidade antiga* (trad), I, cap. VIII.

⁽²⁾ Há, até, esta adivinha jocosa: «De que côr era o cavalo branco de Napoleão?»

⁽³⁾ Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 252. Na sua obra *Rainhas de Portugal*, Francisco da Fonseca Benevides dá informação condizente.

Errante, numa manhã de nevoeiro, montado num cavalo branco; b) O dr. Agostinho Cazala, prègador de Carlos V, garrotado em Hespanha pelo Santo Officio, prognosticou que no dia seguinte ao do seu suplicio passearia pelas ruas de Valhadolid num cavalo branco; e, efectivamente, no dia immediato ao da sua morte, viu-se um cavalo branco montado por invisível cavaleiro correr as ruas daquela cidade, causando isso grande espanto ao povo ⁽¹⁾; c) Em Estombar e Lagoa (Algarve) aparece nas noites de luar a «velha da égua branca», montada numa égua branca, que é o terror da meia-noite em pino. Faz um barulho infernal pelos campos, com tachos e panelas de arame, e solta os bois que ruminam debaixo das alpendradas ⁽²⁾.

O cavalo branco tem também predicaos de magia.

Os Germanos, como os seus passados Getas e Scitas, tiravam prognóstico do relincho dos cavalos. A cidade sustentava nos bosques e florestas cavalos brancos consagrados ao Sol, livres de todo o trabalho profano. Prendiam-se ao carro sagrado, e o ministro, rei ou chefe da cidade seguia-os para observar os seus rinchos ⁽³⁾.

Segundo uma versão de Loures, é prejudicial, a uma pessoa que está em jejum, o encontro de um preto, salvo se essa pessoa vir ao mesmo tempo um cavalo branco (cf. o meu artigo *Deus que o assinalou, algum defeito lhe achou*; pub. na *Rev. Lus.*, XXIII, 107).

Em contraposição, o cavalo preto tem qualquer coisa de infernal.

Plutão, deus dos infernos, era representado pelos antigos sentado num carro puxado por cavalos pretos ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ D. Fernando Garrido, *Hist. das perseguições políticas e religiosas ocorridas em Hespanha e Portugal*, trad. de L. Trindade. (Lisboa, 1881), p. 162.

⁽²⁾ Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 158.

⁽³⁾ Idem, *ibidem*, II, 165.

⁽⁴⁾ Boufflet, *Dictionnaire Universel d'histoire et de géographie*, s. v. «Pluton».